

## DEDICATÓRIA

Surgis de novo, figuras fugidias  
Que ao turvo olhar vos mostrastes outrora.  
Cabem em meu coração tais fantasias?  
Serei capaz de vos reter agora?  
5 Quereis entrar! Seja, reinai sem peias,  
Vós, que subis das brumas da memória;  
A minha alma renasce, emocionada  
Pelo sopro mágico da vossa cavalgada.

10 Trazeis imagens de outra felicidade,  
E ressurge muita sombra querida;  
Voltam primeiros amores, velha amizade,  
Como uma antiga lenda, meio perdida;  
Renasce a dor, a mágoa insiste e invade  
A errância labiríntica da vida,  
15 E nomeia os amigos que a má sorte  
Privou de gozos e entregou cedo à morte.

Não ouvem os meus cantos de agora  
As almas para quem primeiro cantei;  
Disperso o grupo da primeira hora,  
20 Mudos os ecos que então despertei.  
A turba ignota o meu canto devora,  
E nem com seu aplauso me alegrei;  
E os que os meus versos amaram a fundo,  
Se ainda vivem erram por esse mundo.

25 E apossa-se de mim uma olvidada  
Saudade desse reino calmo e grave  
Dos Espíritos, e a minha cíciada  
Canção, eólia harpa, é voo de ave;  
Estremeço, ao pranto a lágrima ajuntada  
30 O peito austero torna leve e suave:  
O que possuo dilui-se na distância,  
E o que fugira ganha forma e substância.

## PRELÚDIO NO TEATRO

*Director. Poeta Dramático. Actor Cómico.*

DIRECTOR:

Vós dois, cujo conselho sempre  
Em apertos e apuros me acompanha,  
35 Dizei-me: nestas terras de Alemanha,  
A nossa empresa que futuro tem pela frente?  
Quero o público aqui bem animado,  
Pois ele vive e a nós nos faz viver.  
Estão montados os postes e o tabuado,  
40 E toda a gente grande festa quer ter.  
Já estão a postos, de sobrolho no ar,  
Esperando o milagre que lhes vamos dar.  
Sei bem do povo ganhar o favor;  
Mas nunca estive em tão grande embaraço:  
45 O que vêem não será do melhor,  
Mas leram mais do que imaginar posso.  
Que iremos dar-lhes hoje de novo e vivo,  
De divertido e pleno de sentido?  
Pois se há coisa que eu goste de ver,  
50 É a multidão que ocorre ao nosso piso,  
E não se importa de mil penas sofrer  
Para passar os portões do paraíso;  
De dia ainda, nem quatro horas são,  
Já lutam para chegar à bilheteira,  
55 Como em tempo de fome por um pão,  
Quase se matam por uma cadeira.  
Milagre assim, com um público tal,  
Só o poeta o faz. Amigo, vale?

POETA:

Ah, não me fales dessa turba sem rosto!  
60 Estiola o espírito ante a sua imagem.  
Esconde-me esse tropel, que a contragosto  
Nos arrasta numa grande voragem.

Não, leva-me ao refúgio que foi posto  
No céu para o poeta e sua miragem,  
65 Onde Amor e Amizade, com divina mão,  
Cultivam o bem-estar do coração.

Ah, o que aí de mais fundo nos nasceu,  
O que a boca balbuciou, expectante,  
O que aqui fracassou e ali venceu,  
70 Leva-o, devora-o o caótico instante.  
Só quando a roda dos anos o poliu  
Surge enfim já perfeito e imponente.  
A aparência brilha, mas não dura,  
Só o autêntico terá vida futura.

ACTOR CÓMICO:

75 Vida futura! Sempre essas larachas!  
Se eu me ocupasse do futuro, quem achas  
Que iria divertir nosso presente?  
Ele quer distração, e distração terá,  
Que a presença viva de um rapaz decente  
80 Também é qualquer coisa — ou não será?  
Quem souber dar-se com graça e agrado,  
Não é o público que o há-de azedar;  
Prefere até um círculo alargado  
Para mais seguramente o emocionar.  
85 Coragem, pois, mostrai vossa mestria:  
Razão, engenho, sentimento, paixão  
Deixai soar, e os coros da fantasia,  
E que a loucura não falte, atenção!

DIRECTOR:

E, acima de tudo, muita acção!  
90 Quem cá vem é para ver, quer sensação.  
Se lhe enchermos o olho com enredos,  
A multidão fica de boca aberta,  
E vós ganhais com isso fama a rodos,  
Sois homem de sucesso, pela certa.  
95 A massa só pela massa se conquista,  
Cada um colhe aí o que lhe agrada.  
Quem muito oferece, a cada um assiste,  
E toda a gente sai daqui encantada.  
Dais uma peça? Então dai-a em pedaços!  
100 Com tal guisado não tereis fracassos:  
É fácil de servir, de imaginar.

De que vos serve um todo apresentar?  
O público desmembra-o sem remorsos.

POETA:

E não vedes como é vil tal mister?  
105 Como é indigno do artista que se preza?  
A fancaria de um amator qualquer  
É para vós lei, já vejo, não vos lesa!

DIRECTOR:

Essa censura a mim pouco me afecta:  
Quem quiser atingir a sua meta  
110 Tem de servir-se da melhor ferramenta.  
Lembrai-vos que esta massa não é cinzenta,  
Pensai, ao escrever, a quem fazeis assédio!  
Alguns vêm trazidos pelo tédio,  
Outros comeram que nem animais,  
115 E quem me parece mais sem remédio  
São os que vêm de ler os jornais.  
Vêm por vir, como para as mascaradas,  
Só a curiosidade os faz voar;  
As damas pavoneiam-se, enfeitadas,  
120 E representam sem se fazer pagar.  
Com que sonhais nos píncaros da poesia?  
Que vos alegra na casa cheia de gente?  
Vede os mecenas! Desta fidalguia  
Metade é bronca, metade é indiferente.  
125 Depois da peça, este quer jogar cartas,  
Outro, uma noite louca com uma pega.  
E para tal gente ides bater às portas  
Das musas, pobres tolos? Já chega!  
Ouvide bem: dai mais e sempre mais,  
130 E assim o alvo não ireis errar.  
Procurai confundir, que contentar  
Os homens não conseguireis...  
Que é isso agora? Arrebatamento ou dor?

POETA:

Procura outro escravo para te servir!  
135 Deve então o poeta infringir  
Por ti sem pejo o sagrado direito  
De ser homem, da Natura o favor?  
Como põe ele os corações a arder?  
E os elementos, como os molda a seu jeito?

140 Não será a harmonia que lhe mana  
 Da alma e o mundo ao seu coração chama?  
 Enquanto a Natureza fia o fio  
 No seu fuso infinito, indiferente,  
 E um sem-número de seres em desvario  
 145 Se faz ouvir, dissonante e demente —  
 Quem anima e divide a sempre igual  
 Sequência e a dá ritmicamente?  
 Quem sagra a parte no rito universal,  
 E a faz vibrar em acordes imponentes?  
 150 Quem desenfreia a fúria das paixões?  
 Quem põe em fogo nas almas os poentes?  
 Quem esparge na Primavera os botões  
 De belas flores nas veredas dos amantes?  
 Quem faz de folhas sem significado  
 155 Coroas de glória, para o valor distinguir?  
 Quem garante o Olimpo, para os deuses unir?  
 O génio humano, no poeta revelado.

## ACTOR CÓMICO:

Usai então essa força de magia,  
 E conduzi os negócios da poesia  
 160 Como quem vive aventura de amor.  
 Guia-nos o acaso, ao sentir e esperar  
 Segue-se, passo a passo, o envolvimento;  
 Cresce o prazer, mas logo há desencanto,  
 Mal nos esquecemos, e a dor entra no lance,  
 165 E sem darmos por isso... é um romance.  
 Vamos pôr tal espectáculo em cena,  
 Descei ao fundo da vida humana plena!  
 Todos a vivem, conhece-a pouca gente,  
 E onde a apanhardes é que ela é interessante.  
 170 Imagens vivas, com pouca claridade,  
 Muita ilusão e um grãozinho de verdade —  
 Ingredientes da poção perfeita  
 Que todo o mundo edifica e deleita.  
 Então, da juventude a flor mais bela  
 175 Acorrerá à peça, a ouvir sabedoria,  
 E as almas mais sensíveis bebem nela  
 Doce alimento da melancolia;  
 Vibrará então esta ou aquela corda,  
 E o que lhes vai nos corações acorda.  
 180 Esses estão inda livres para rir e para chorar,  
 Gostam das emoções, alegra-os a ilusão;